opusdei.org

Mons. Fernando Ocáriz: entrevistas recentes

Oferecemos uma seleção de perguntas e respostas de entrevistas recentes com o prelado do Opus Dei, publicadas em vários meios de comunicação. Mons. Ocáriz fala sobre o próximo centenário, o papel dos leigos na difusão do Evangelho, as respostas a críticas e erros e o comprometimento do Opus Dei com o serviço à Igreja.

26/10/2024

Oferecemos as perguntas e respostas organizadas por temas

- A caminho do centenário
- Fidelidade e mudanças
- Futuro
- Leigos
- Vocações
- Críticas e erros
- Assembléias regionais
- Estatutos e situação jurídica
- Igreja
- Sociedade
- Biografia

CAMINHO PARA O CENTENÁRIO DO OPUS DEI

O Opus Dei está se encaminhando também ao centenário da sua fundação: quais são os passos previstos e o que se espera desta longa preparação?

Nesses anos que precedem o centenário, vamos interrogar-nos sobre as necessidades e os desafios da Igreja e do mundo. Queremos aprofundar em nossa identidade e ver como a Obra pode contribuir para a santificação da vida cotidiana através de seu carisma. Observaremos, portanto, neste tempo, o conjunto do nosso horizonte apostólico (a Igreja e o mundo) e, por outro lado, olharemos para nosso interior (a Obra), com esperança de que esses olhares convirjam para um momento de graça. Quando penso no centenário do Opus Dei, vem-me à cabeça uma oração que o bem-aventurado Álvaro dirigia pessoalmente ao Senhor: “Obrigado, perdão, ajuda-me mais”. No

momento atual, de certa forma, todos deveríamos ter esta aspiração.

(Entrevista com *Avvenire*, 30-VI-2024)

Como o Opus Dei está se preparando para o centenário de seu nascimento?

O Beato Álvaro del Portillo costumava rezar esta oração: “Obrigado, perdão, ajude-me mais”. Acho que é uma boa inspiração para o centenário. Graças a Deus pelos dons recebidos e pela vida santa de tantas pessoas nestes cem anos; magoado pelos erros cometidos; e peça ajuda para o futuro, porque sem Deus não podemos fazer nada.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

Em sua opinião, houve luzes e sombras nesses quase cem anos de história?

O Opus Dei foi e é um dom do Espírito Santo para a Igreja, como recorda o Papa Francisco no Ad charisma tuendum. Vejo a Obra como uma luz que inspira muitas pessoas a se encontrarem com Jesus Cristo através das tarefas comuns da vida cotidiana: trabalho, família, relações sociais. Eu diria que estas são as luzes principais, cujo protagonista é Deus que intervém na história.

Entre essas luzes, gostaria de recordar tantas pessoas da Obra que passaram por esta terra tentando fazer o bem, com as suas virtudes e os seus defeitos. Atualmente, morrem anualmente cerca de mil pessoas do Opus Dei. Na maioria dos casos, são pessoas simples, normais e anônimas que tentaram semear paz e alegria ao seu redor, em contextos às vezes difíceis.

Outras vezes são pessoas que foram publicamente apontadas como exemplo para os fiéis como Guadalupe Ortiz de Landázuri a primeira fiel leiga do Opus Dei a ser beatificada, uma profissional de química que desenvolveu um amplo apostolado de amizade em Espanha e México e na Itália. Ou, mais recentemente, o pediatra guatemalteco Ernesto Cofiño, médico e pai de família que a Igreja declarou venerável em dezembro de 2023. Entre outras coisas, desenvolvendo um amplo trabalho de evangelização entre seus familiares, colegas e amigos.

Ao mesmo tempo, na história do Opus Dei também há sombras e erros, porque é constituída por seres humanos falíveis. As boas intenções não eliminam a possibilidade de erro, e isso deve ser aceito com humildade. Em particular, dói ouvir falar de pessoas que estiveram em

contato com a prelazia e foram feridas por alguma falta de caridade ou de justiça: situações de falta de apoio emocional, erros nos processos de incorporação, negligência no acompanhamento de pessoas que deixaram o Opus Dei , etc. devemos aprender com os erros e continuar melhorando, com a ajuda de Deus.

(Entrevista com *El 9 Nou*, 24-IX-2024)

FIDELIDADE E MUDANÇAS

O que permaneceu igual e o que mudou na Obra nesse meio tempo?

No Opus Dei há um espírito subjacente, uma mensagem significativa sobre a santidade no meio do mundo, que não mudou: é o núcleo imutável que lhe dá sentido, porque, como acontece nas instituições, se o Opus Dei existe é

precisamente para preservar e difundir uma determinada mensagem ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, o fundador, São Josemaria, sendo claro sobre a necessidade de manter intacto esse espírito, disse que com o tempo as formas podem e devem mudar. Em cem anos, a sociedade e a Igreja evoluíram muito, e o Opus Dei também, porque faz parte da Igreja e da sociedade. As transformações que envolveram fenômenos como a globalização, a conquista feminina do espaço público, as novas dinâmicas familiares, etc., encontram reflexo no Opus Dei como instituição e na vida real dos seus membros. Saber mudar – modelar qualquer mudança a partir do essencial – é um requisito para poder permanecer fiel a uma missão.

Por diferentes razões, o quadro jurídico, alguns modos apostólicos e

muitas outras coisas que podem não ser visíveis, mas são importantes, mudaram nos últimos anos: por exemplo, tem havido insistência numa separação clara entre governo e direção espiritual, foram adotadas medidas para garantir melhor e reforçar a plena liberdade e voluntariedade nos processos de incorporação, foram atualizadas as formas práticas de manifestar a exigência de viver a virtude da pobreza no meio do mundo, etc.

(Entrevista com *El 9 Nou*, 24-IX-2024)

O Papa Francisco chamou a reforçar o carisma essencial do Opus Dei. Como caracterizaria, em poucas palavras, esse carisma?

Em poucas palavras, eu o descreveria como a busca de Deus, o encontro com Deus de braços abertos para todos – e para ajudar muitas outras pessoas a esse mesmo encontro – na vida cotidiana, no trabalho, na

família, na rua . Nas palavras do Papa Francisco, trata-se de “difundir o apelo à santidade no mundo, através da santificação do trabalho e das ocupações familiares e sociais”.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

Se trata de um carisma que tomou forma há quase cem anos, num mundo muito diferente. Deveria sofrer revisões e alterações, de acordo com o passar do tempo?

Em cem anos, a sociedade e a Igreja evoluíram muito, e o Opus Dei também, porque faz parte delas. Não somos indiferentes a fenômenos como a globalização, a conquista feminina do espaço público, as novas dinâmicas profissionais e familiares, etc. Como dizia São Josemaria, mudam-se os modos de fazer e de dizer, mas a essência, o espírito, permanece. Saber mudar, nesse sentido, é necessário para ser fiel a

uma missão. A chave é modelar qualquer mudança a partir do essencial, daquele núcleo ou carisma que não podemos modificar porque, como todo carisma, é um dom de Deus.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-07-2024)

FUTURO DO OPUS DEI

O que espera do Opus Dei para os próximos 50 anos?

Projetado no tempo, gostaria que o Opus Dei fosse propagador da amizade, da fé manifestada nas obras, da liberdade de espírito e da criatividade para cumprir a missão evangelizadora da Igreja e colaborar na construção de uma sociedade justa.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

Quais foram os acontecimentos mais importantes no desenvolvimento institucional do Opus Dei e para onde ele se dirige no século XXI?

Eu diria que os marcos mais importantes são os menos visíveis: a graça de Deus que atua em milhares de pessoas, que respondem afirmativamente ao seguimento de Jesus Cristo no meio do mundo. Ou tantas histórias de arrependimento, de conversão, que ocorrem em pessoas da Obra e em outras que frequentam os seus apostolados.

A nível institucional, recordaria a canonização do Fundador, no dia 6 de Outubro de 2002. Perante a multidão reunida em Roma, São João Paulo II referiu-se a Josemaría Escrivá como “o santo da vida quotidiana”. Esta expressão é

também um guia para o Opus Dei do futuro, sobre o qual perguntais: o fundamental não são as atividades, as estruturas ou os números, mas ajudar muitas pessoas – com a graça de Deus – a encontrar Deus na rua , na fábrica, no hospital, etc. ou, nas palavras do nosso fundador, "transformar a prosa diária em decassílabos, em poesia heróica".

(Entrevista com *El 9 Nou*, 24-IX-2024)

Qual é a situação atual do desenvolvimento do Opus Dei no mundo? Existem planos de expansão específicos para o centenário? Em quais países encontra mais dificuldades?

[...] Os obstáculos externos às vezes provêm da secularização ambiental, de certos estilos de vida que dificultam a formação de famílias duradouras ou a compreensão do celibato ou das vocações dedicadas ao serviço e ao cuidado, etc. Existem

também obstáculos que todo cristão no meio do mundo deve enfrentar, como o perigo do mundanismo. Neste sentido, uma vez que não existe um contexto de fé partilhado, é necessária uma especial delicadeza de coração para ser coerente com os próprios compromissos familiares ou vocacionais.

Do ponto de vista geográfico, a diversidade cultural e religiosa é muito ampla. Incorporar uma vocação cristã em cidades de maioria muçulmana como Mombaça (Quénia) ou Surabaya (Indonésia) não é a mesma coisa que em Lisboa ou Varsóvia. Como bem sabem as pessoas da Obra que vivem nestes lugares, a semeadura evangelizadora olha para um horizonte de décadas, como na China ou na Coreia do Sul. Nestes países, a par das dificuldades, existe também um forte dinamismo eclesial traduzido em conversões, batismos de jovens e adultos, etc.

Por outro lado, a Obra vive há alguns anos um momento de reestruturação das circunscrições para melhorar o governo e a ação apostólica [...]

(Entrevista com *El Debate*, 22-VI-2024)

No Opus Dei há pessoas de todas as idades. O que podes fazer, como padre e prelado, para favorecer a cooperação intergeracional na Obra?

Na minha casa, em Roma, convivemos desde uma pessoa de 102 anos até outra que ainda tem 30 anos. Entre muitas outras coisas, os idosos contribuem com a sua experiência, os jovens com o seu entusiasmo e a sua vitalidade. Se os jovens olham com carinho e compreensão para os avós (ou em geral para os idosos) e os idosos para os jovens, as famílias e os diversos ambientes da sociedade ficam cheios de esperança. Atualmente, por

exemplo, as demandas das famílias exigem especialmente a ajuda dos avós na educação dos filhos. E os limites físicos dos idosos precisam do apoio dos jovens. Devemos encarar a experiência intergeracional com carinho, sabendo que às vezes envolve sacrifícios de ambos os lados.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

OS LEIGOS NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Qual é o serviço que um membro do Opus Dei pode prestar à Igreja?

A vocação específica dos membros do Opus Dei - a grande maioria dos quais são leigos, apenas 2% são sacerdotes - exige um encontro pessoal com Cristo na família, no

trabalho, nas relações sociais… sabendo que a procura da santidade não é algo para super mulheres ou super homens, mas para pessoas de carne e osso, com acertos e erros. Especialmente hoje, gostaria de salientar que algumas manifestações desse serviço que um membro da Obra pode realizar dentro da Igreja é o cuidado das pessoas – na família, no trabalho, etc. – a semeadura da comunhão e da fraternidade na Igreja e nas áreas da sociedade em que se move. A "santidade no meio da rua" que São Josemaria pregava encoraja-nos a procurar soluções dignas para os problemas de cada contexto e de cada tempo..

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

Qual diria que é a principal contribuição da instituição que o senhor lidera para a vida da Igreja?

A principal contribuição do Opus Dei é acompanhar os leigos (98% dos seus membros) para que possam ser protagonistas da missão evangelizadora da Igreja no meio do mundo, um por um. Os leigos não são meros destinatários ou atores secundários, mas protagonistas da evangelização, que podem levar o calor e a amizade de Cristo onde é mais necessário: às salas de aula, aos bairros, aos campos de futebol, aos hospitais, aos escritórios, às famílias, aos pobres e aos ricos… a todos. Os leigos constituem a grande maioria da Igreja e a obra de evangelização do Opus Dei é dirigida mais especificamente a eles.

É um trabalho de acompanhamento espiritual, de vivificação cristã, que evita interferir nas suas legítimas opções terrenas: as suas ações na sociedade – os seus sucessos e os seus erros – serão da sua responsabilidade e não da Igreja ou

do Opus Dei. Atribuir ao Opus Dei as iniciativas políticas, empresariais ou sociais dos seus fiéis seria clericalismo.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

Numa entrevista recente ao jornal italiano "Avvenire", o senhor afirmou que "há muito a fazer para redescobrir o papel dos leigos". O que está faltando? Mas, primeiro, qual é ou deveria ser o papel dos leigos na Igreja?

Como sublinhou o Concílio Vaticano II, a tarefa de vivificar cristãmente os assuntos temporais cabe aos leigos pela sua própria vocação: isto é, trabalho, família, comércio, cultura, etc. Vivem no mundo, em toda e qualquer atividade e profissão, desde um campo desportivo até um laboratório científico; do mundo do cinema ou do entretenimento ao da política, da agricultura, da educação,

da economia… Sua função é contribuir para a santificação do mundo, refletindo um pouco do amor de Cristo em cada lugar e circunstância; e é aqui que há um longo caminho a percorrer. Penso, por exemplo, na formação dos leigos em bioética ou justiça social, na sua consciência de serem protagonistas na evangelização, na sua responsabilidade ética no trabalho, na busca da paz, na educação e nas finanças. os batizados e as baptizadas que ali estão e devem tornar presente a santidade de Deus, que conduz precisamente à humanização do mundo. A missão do leigo não se limita a "ocupar cargos" nas estruturas eclesiásticas.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

O Opus Dei é composto maioritariamente por mulheres, a maioria casadas. Como podemos

dar mais brilho a quem decide entregar a vida a Deus através do casamento? Que riqueza contribui a mulher para o desenvolvimento do carisma do espírito do Opus Dei?

O casamento é um caminho de santidade: no Opus Dei todos os membros – casados, solteiros ou celibatários – partilham a mesma vocação, missão e responsabilidade. As pessoas casadas vivem com a consciência de que o seu amor a Deus passa pela família, pelos amigos e pelo trabalho que realizam no mundo. Isto tem um enorme potencial de transformação de serviços. Quanto às mulheres (que, como você salienta, são a maioria), São Josemaria entendeu que sem elas a Obra estava incompleta. E é lógico porque o Opus Dei não seria compreendido sem o seu contributo insubstituível, assim como a família, o mundo do trabalho ou a vida social

não podem ser compreendidos sem eles.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

VOCAÇÕES

A Igreja Católica vive hoje um grave declínio nas vocações ao sacerdócio, à vida religiosa e a vários movimentos. Este fenômeno também atinge o Opus Dei?

Nos países mais secularizados, partilhamos as mesmas dificuldades que o resto da Igreja. Nos lugares onde cresce (penso na Nigéria, no Brasil, nos Estados Unidos…), o Opus Dei também cresce. Especificamente, aumenta o número de leigos e leigas que, inspirados por São Josemaria, desejam procurar a santidade e estão abertos a constituir família. Por

outro lado, diminui o número de pessoas que abraçam o celibato, um dom de Deus que hoje talvez seja menos compreendido, embora seja tão enriquecedor para a Igreja. Desde há algum tempo, mais de 1.000 membros do Opus Dei morrem todos os anos; Mesmo assim, graças a Deus, há um pequeno crescimento no número total, embora numa realidade eclesial o que importa é a união com Deus e não os números ou as estruturas.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

O Papa Francisco apontou a crise ou diminuição das vocações como uma "hemorragia para a Igreja". O senhor entregou sua vida a Deus desde a juventude e, algum tempo depois, decidiu ser ordenado sacerdote, o que representa apenas 2% do Opus Dei. Por que se tornou hoje mais difícil para as

pessoas considerarem a vocação ao celibato apostólico?

O mundo de hoje enfrenta o desafio de acreditar novamente no compromisso; num amor pela vida que se enche de alegria e liberdade. Para muitos o compromisso aparece como um limite, quando na realidade Deus sempre abre horizontes luminosos. É uma crise antropológica e cultural que afeta especialmente o mundo ocidental; Noutros lugares da América, da África e da Ásia florescem vocações ao sacerdócio ou a outras que envolvem o celibato. Eu diria que é essencial recuperar a virtude da esperança.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

Muitas pessoas ficam impressionadas com a juventude de algumas vocações ao Opus Dei, ainda antes dos 18 anos. Os jovens a partir dos 16 anos são livres para

decidir a sua vocação e ingressar no Opus Dei?

A liberdade é um requisito essencial para qualquer vocação. A adesão ao Opus Dei só é possível aos 18 anos, a maioridade. Se alguém pensa que tem uma vocação, pode iniciar mais cedo um processo de discernimento, mas sabendo que ainda não faz parte do Opus Dei e sempre com a autorização expressa dos pais.

Desde o momento em que alguém solicita a admissão na Obra até a sua incorporação definitiva, há uma série de etapas de formação, que duram pelo menos 6 ou 7 anos. Todos os anos a pessoa deve expressar o seu desejo de continuar: não é um processo automático, mas sim um processo que desafia o discernimento pessoal e a liberdade de uma forma muito mais profunda do que a maioria das decisões que qualquer pessoa toma ao longo da sua vida.

A Igreja reconhece que os jovens podem descobrir a sua vocação e responder plenamente a esse apelo do amor de Deus. Carlo Acutis será canonizado em breve e falecera aos 15 anos; a beata chilena Laura Vicuña, com 13; São Domingos Sávio, com 14; Santa Teresinha do Menino Jesus decidiu ser carmelita ainda adolescente…

As atividades de formação espiritual que o Opus Dei promove entre os jovens, com o envolvimento dos pais, são uma semente para ajudá-los a conhecer e testemunhar a sua fé, a amar a família, a servir os outros, a ser bons amigos e a preparar-se para serem bons profissionais e cidadãos. A maioria descobre que a sua vocação está no casamento, outros no celibato leigo; talvez outros optem pelo sacerdócio ou pela vida religiosa…

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

No próximo ano, o Jubileu da Juventude será celebrado na cidade de Roma. Qual o senhor acha que é o maior desafio que os jovens enfrentam hoje ao considerar uma vida próxima de Deus como um ideal atraente?

Só Cristo é a resposta a todas as perguntas que os jovens hoje guardam no coração e que o amor de Deus Pai, quando se abrem a Ele, é capaz de curar feridas e fragilidades. Talvez sejamos antes nós, adultos, que devemos perguntar-nos se somos capazes de compreender os jovens, acompanhá-los de perto e com carinho e tornar-lhes compreensível a mensagem cristã, tendo em conta as circunstâncias e a mentalidade específicas de cada um. Logicamente, o testemunho de uma vida coerente é

também essencial para mostrar o atrativo de uma vida com Cristo.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

“Na Igreja há lugar para todos, para todos”, disse o Papa Francisco na JMJ 2023, em Lisboa. O que significa exatamente esta abertura da Igreja e como pode o Opus Dei transmitir essa mensagem?

O próprio São Paulo afirma que Deus quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. A mensagem de salvação da Igreja é um convite a todos, sem exceção. E o Papa apontou esta universalidade como eixo central do seu ensinamento. São Josemaria falou aos seus filhos espirituais sobre ter os braços abertos para todos. Numa época de polarização, divisões e muros, os seguidores de Cristo têm um caminho muito claro a seguir.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

CRÍTICAS E ERROS

Algumas pessoas do Opus Dei são reconhecidas pelas suas contribuições à sociedade, como escolas, universidades e trabalhos sociais. No entanto, eles também enfrentam narrativas contra eles. Por que você acha que essas narrativas surgem e como combatê-las?

Às vezes penso que essas narrativas que você cita nos ajudam a nos purificar da tentação de pensar que não precisamos corrigir nada e mais ainda de nos sentirmos satisfeitos ou especiais por algo que poderia dar certo. Como todos, precisamos refletir sobre o bem que queremos fazer e o que fazemos

especificamente. O nosso Fundador, de fato, advertiu-nos que a Obra devia viver “sem glória humana”.

Por outro lado, é natural que existam visões diversas porque existem muitas formas de fazer e compreender as coisas, que podem ser mais ou menos apreciadas. Deste ponto de vista, diante dessas narrativas, talvez o importante seja destacar que o propósito das iniciativas das pessoas da Obra é servir ao próximo, pois é isso que realmente está subjacente a todos os projetos que você menciona. Gostaria que quem vier a estas atividades visse que se trata de semear paz e alegria, cada um contribui com a sua, procura valorizar o que os outros têm, e todos lutam juntos para superar tantas injustiças e dores na vida.

Mas, insisto, opiniões contrárias podem ajudar quando são sinceras,

provêm de ambientes que não conhecem a Obra, de pessoas próximas ou de quem por motivos diversos deixou de fazer parte da nossa família. Eles nos permitem pedir perdão e nos corrigir.

Pessoalmente, fico feliz por constatar que quase todos os dias do ano recebemos um pedido de admissão ao Opus Dei de pessoas que já fizeram parte da Obra e que, por qualquer motivo, saíram. Notícias como esta são uma carícia do Senhor, que em certo sentido supera certas "narrativas" excessivamente dicotômicas.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

Por que uma parte da hierarquia eclesiástica viu o Opus Dei como uma instituição rival ou paralela quando os fiéis da Obra também são fiéis das dioceses territoriais?

Percebo, em geral, apreço por parte da hierarquia e de outras instituições da Igreja. As pessoas da Obra têm consciência de navegar no mesmo barco que a Igreja, onde coexistem diferentes espiritualidades e sensibilidades [...] Por outro lado, vêm à mente alguns exemplos de iniciativas do Opus Dei (em Roma e em mundo) do qual, pela graça de Deus, surgiram vocações para tantas instituições da Igreja. E vice-versa: atualmente, por exemplo, a diocese de Florianópolis (Brasil) lançou o processo de beatificação de um jovem da Obra, que realizou um extenso trabalho de evangelização naquela diocese, e que se aproximou da fé católica graças aos retiros de outra realidade eclesial, Emaús.

Como o senhor salienta, do ponto de vista do direito, os leigos do Opus Dei são fiéis às suas dioceses da mesma forma que quaisquer outros fiéis. E do ponto de vista dos fatos, são

muitos os que colaboram ativamente no catecismo ou nos cursos pré-matrimoniais nas suas paróquias, em iniciativas de serviço como a catequese, em atividades com jovens, etc. Da mesma forma, recebo numerosos pedidos de bispos diocesanos, para que este ou aquele sacerdote colabore numa paróquia, num hospital, num serviço da diocese. Sempre que possível, colaboramos com prazer.

Se houve dúvidas com alguma instituição da Igreja, talvez seja devido a relações humanas imperfeitas, que deveríamos tentar resolver dia após dia, normalmente. Às vezes, os mal-entendidos também advêm da compreensível dificuldade histórica de abrir espaço para novas realidades que carregam uma "novidade" que à primeira vista pode surpreender. Gosto de pensar que são algo do passado.

(Entrevista com *El Debate*, 22-VI-2024)

Pediste publicamente perdão pelas "falhas e pecados dos membros do Opus Dei". Quais são essas falhas e pecados?

Cada pessoa conhece falhas e pecados pessoais. Ao mesmo tempo, não se pode ignorar que há pessoas que pertenceram ao Opus Dei ou estiveram em contato com a Obra e que se sentiram magoadas pelos modos de fazer as coisas ou viram quebrada a confiança naqueles que os lideravam ou em a instituição.

Tendo em conta que o que se pretende na Obra é percorrer um caminho de santidade e de encontro com Cristo, pensar que há pessoas que neste caminho não encontraram a felicidade, causa-me dor pessoal e é um convite a um trabalho saudável de exame para detectar as causas, ver como reparar de acordo com

cada situação, estudar o que pode ser melhorado, etc.

As razões para essas lesões podem ser muito variadas. O que mais me dói é que nem sempre soubemos acompanhar bem as pessoas no discernimento da sua vocação, no acompanhamento espiritual, ou diante de uma situação familiar ou pessoal difícil.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

O Opus Dei costuma ser caracterizado por três adjetivos: conservador, poderoso e hermético. Por que isso acontece? Que adjetivos gostaria que caracterizassem o Opus Dei e seu trabalho?

Todos podem ter suas opiniões e suas razões para avaliar a realidade. Se algumas pessoas percebem dessa forma, será porque existe algo

objetivo e/ou subjetivo que pode causar essa impressão. Dar a conhecer melhor o que é a Obra, em parte, é tarefa de cada membro: viver autenticamente a própria vocação. É uma coisa grande e maravilhosa, embora eu entenda que é necessária uma perspectiva de fé para compreendê-la profundamente. Em todo o caso, penso que, humanamente, quem conhece de perto o Opus Dei saberá perceber pessoas normais, com virtudes e defeitos. Gostaria que fôssemos conhecidos como pessoas felizes, simples e serenas, pacíficas, de fácil amizade, pessoas de mente aberta e compreensivas. Também que seja reconhecida a variedade dos fiéis do Opus Dei, e não apenas os poucos que adquirem uma certa relevância pública. Ver-se-ia assim que cada um luta para viver plenamente a fé, convivendo com os próprios defeitos e procurando colocar os seus talentos

ao serviço da família, dos amigos e da sociedade.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

ASSEMBLÉIA REGIONAL

O Opus Dei está numa autêntica "viagem" para redescobrir a frescura e a força do seu carisma. Nessa jornada, o que você está descobrindo

Em todas as nações onde o Opus Dei está, estão se realizando as chamadas 'assembleias regionais', que se realizam de 10 em 10 anos. São momentos preciosos de diálogo e reflexão. Descobre-se neles o desejo de ir ao essencial, ao carisma, encontrando o modo de vivê-lo e comunicá-lo melhor nas circunstâncias atuais. Uma questão,

por exemplo, que emerge dessas assembleias é o desejo de fundamentar cada vez mais o trabalho apostólico da Obra na amizade sincera e na transformação do coração, mais do que em estruturas, obras ou atividades.

(Entrevista com *Avvenire*, 30-VI-2024)

O método que o senhor indicou para esta reflexão é uma ampla consulta da qual estão participando todos os membros do Opus Dei e inclusive outras pessoas que não formam parte da Prelazia. Pode explicar as razões pelas quais, em chave sinodal, escolheu essa opção?

Tal como a Igreja em seu conjunto, o Opus Dei é família, e quando uma família deve tomar uma decisão importante (desafios ou prioridades) todos são ouvidos. Entramos em contato com a Secretaria do Sínodo, que nos encorajou a viver as

assembleias regionais da prelazia como um momento especial de escuta. Cada assembleia teve encontros em nível local, com grupos de discussão, questionários, intercâmbios entre gerações. Tal processo ocorreu simultaneamente à participação de muitos membros do Opus Dei nas fases diocesanas do Sínodo sobre a sinodalidade em suas respectivas dioceses.

(Entrevista com *Avvenire*, 30-VI-2024)

ESTATUTOS E SITUAÇÃO JURÍDICA

A medida do Papa [o motu proprio "Ad charisma tuendum"] não dissolve a especificidade da Obra no seio da Igreja Católica?

Permita-me discordar educadamente. A especificidade do Opus Dei reside no carisma ou espírito, e não na sua “roupagem legal”. No seu cerne está o apelo universal à santidade através do trabalho e das realidades comuns da vida. O Papa, no Ad charisma tuendum, refere-se a esta mensagem como um “dom do Espírito recebido por São Josemaría”, ou seja, como um carisma. Repito: esta é a especificidade realmente relevante. De fato, com este motu proprio o Papa Francisco confirma a bula Ut sit, com a qual João Paulo II elevou o Opus Dei a prelatura: modifica dois aspectos acidentais e confirma o carisma essencial.

Característica do Opus Dei é um traço tão comum como o trabalho: a relevância do trabalho como lugar de encontro com Deus, seja no Vale do Silício ou nos subúrbios de Kinshasa, seja como maquinista do metrô de

Madrid ou como professor ou professora em uma escola na periferia de qualquer metrópole.

De resto, o Opus Dei não quer ser uma exceção dentro da Igreja. As suas propostas legais têm procurado a fórmula que melhor se adapta à realidade dos leigos que, através de uma vocação vocacional e com a pastoral dos sacerdotes, querem seguir a Cristo no âmbito das realidades familiar, laboral, social, etc. âmbito de suas respectivas igrejas particulares. O facto de até agora ter sido a única prelazia pessoal pode ter sido percebido como algo "excepcional", mas certamente não é isso: pelo contrário, penso que seria muito bom se houvesse outras prelazias pessoais que contribuíssem para a evangelização de numerosos territórios, especialmente necessitados de inspiração cristã.

(Entrevista com *El País*, 26-VI-2023)

Como avança a revisão dos Estatutos?

Como disse o Papa, trata-se de ajustes que preservem o carisma e a natureza do Opus Dei, sem o restringir ou sufocar: por exemplo, sublinhando o seu carácter laico, e o fato de mais de 98% dos membros serem leigos, homens e mulheres que vivem a sua vocação na rua, na família, no trabalho. Para isso, estão sendo realizados vários encontros entre representantes do Dicastério do Clero e quatro canonistas do Opus Dei, três professores e uma professora. Como ainda estamos no meio deste processo, não posso dar mais detalhes. Mas posso assegurar-vos que o trabalho está se realizando num clima de diálogo e confiança. (Entrevista com Avvenire, 30/06/2024)

A decisão do Papa Francisco de modificar algumas mudanças na

estrutura do Opus Dei foi uma surpresa para você? Estas medidas mudam a posição do Opus Dei dentro da Igreja? E é por estas razões que o Opus Dei está atualmente modificando os seus estatutos?

O Santo Padre advertiu-nos com alguma antecedência sobre o motu proprio Ad charisma tuendum. As principais mudanças naquele documento afetam aspectos estruturais e organizacionais (que o prelado não é bispo, entre outras coisas), mas não tocam a missão ou a substância do Opus Dei. A modificação dos estatutos é uma resposta a esse pedido do Papa, e neste momento estamos trabalhando nisso com o Dicastério do Clero num clima de diálogo e confiança.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

Como as novas disposições papais afetam o Opus Dei? Afetam o dia a dia da instituição?

O jurídico e o vital são áreas que caminham juntas e, ao mesmo tempo, têm suas distinções. Na vida quotidiana dos leigos, imersos nas questões deste mundo, as novas disposições não modificam o modo como vivem a sua vocação à Obra. No que diz respeito ao Opus Dei como instituição, estamos trabalhando com o Dicastério do Clero para fazer ajustes nos estatutos, conforme solicitado pelo Santo Padre no Motu proprio Ad carisma tuendum. Como ainda estamos estudando esses ajustes, não tenho como dizer o resultado. Sim, posso assegurar-vos que, no desenvolvimento destas obras, se estabeleceu um clima de diálogo e de confiança, típico da Igreja como família de Deus.

(Entrevista com *El Debate*, 22-VI-2024)

Como o senhor interpretou a mudança de vínculo do Papa com a Santa Sé através do motu proprio Ad charisma tuendum? O Papa assegura que procura que a autoridade da organização seja "baseada mais no carisma do que na autoridade hierárquica".

Carisma e hierarquia complementam-se na Igreja, não são dois termos alternativos, mas complementares. Os carismas têm a sua razão de ser no serviço que prestam à Igreja como um todo. Por isso, para divulgá-los na Igreja e no mundo, costumam ser traduzidos em realidades institucionais.

O discernimento dos carismas corresponde à autoridade da Igreja, e o Opus Dei tem dependido da autoridade da Igreja em cada uma das suas etapas institucionais. Com a

reforma da cúria, o Papa Francisco promoveu mudanças em numerosas instituições e organizações para favorecer uma evangelização mais dinâmica. Esse é o propósito do motu proprio que você menciona. Por isso, trabalhamos para responder fielmente a este pedido do Papa, sabendo, por exemplo, que o essencial não é que o prelado use ou não a cruz peitoral, mas sim que os fiéis do Opus Dei e outras pessoas possam viver plenamente este carisma dentro da Igreja.

(Entrevista com *El País*, 26-VI-2023)

Não é uma instituição da Igreja cuja razão de ser é a clericalização dos leigos? Até que ponto estas medidas podem afetar o objetivo dos leigos de serem santos no meio do mundo?

A mensagem do Opus Dei dirige-se principalmente aos leigos, homens e mulheres do meio do mundo, que

desde o início foram a grande maioria dentro da Obra e da sua razão de ser. Da mesma forma que os carismas não devem ser absolutizados, a lei também não o deve fazer. É por isso que o Opus Dei tem passado por diversas soluções institucionais para encontrar a fórmula mais adequada, que integre, por um lado, a tutela do carisma e, por outro, uma figura jurídica que lhe confira um lugar na Igreja e reflita sua natureza sem restringi-la ou sufocá-la.

(Entrevista com *El Debate*, 22-VI-2024)

O Opus Dei tem bispos e arcebispos em todo o mundo. Não seria apropriado que o prelado fosse também bispo?

Se me permitem esclarecer, devemos ter em mente que os poucos bispos e arcebispos que vêm do Opus Dei no mundo são das próprias Igrejas

particulares e, portanto, respondem apenas ao Papa, não têm nenhum outro superior. Penso que o fato de o Beato Álvaro e D. Javier Echevarría terem recebido a consagração episcopal foi muito bom para reforçar a comunhão eclesial durante aqueles anos, de 1991 a 2016. Atualmente, a questão é seguir fielmente as disposições do Santo Padre, mais do que parar no que é mais ou menos adequado.

(Entrevista com *El Debate*, 22-VI-2024)

Muitos veem na decisão do Vaticano a eliminação de um privilégio, uma certa degradação e um gesto de uma Igreja mais progressista em direção a um mundo mais conservador. De um antigo conflito entre os Jesuítas e o Opus Dei.

Foi feita uma pergunta semelhante ao Papa Francisco, e ele destacou que

se tratava de uma interpretação mundana, alheia à dimensão religiosa. Penso que muitas vezes existe uma tendência para ler a realidade em termos de poder e polarização, com grupos que se opõem e não se entendem. Contudo, na Igreja a lógica que deve prevalecer é a do serviço e da colaboração. Estamos todos remando no mesmo barco, abertos a ser ajudados a melhorar. Quanto ao antigo conflito que menciona, posso dizer-lhe pessoalmente que sou um antigo aluno da escola da Companhia de Jesus em Madrid e estou muito grato pela formação e pelo exemplo que recebi dos Jesuíta

(Entrevista com *El País*, 26-VI-2023)

A resposta dada a São Josemaria quando solicitou a aprovação legal do Opus Dei em 1946 foi que a Obra tinha chegado com um século de antecedência. Tendo em conta que

o Opus Dei está perto de celebrar um centenário desde a sua fundação, pensa que a reforma dos seus Estatutos solicitada pela Santa Sé está relacionada com aquela resposta dada ao fundador?

Em 1946, o Opus Dei estava presente em 4 países e hoje em 70. Naquela época, uma mensagem dirigida especialmente aos leigos sobre a busca da santidade no meio do mundo era surpreendente e parecia antecipatória, apesar das suas raízes no Evangelho. O tempo e a universalização tornaram mais fácil que este carisma se tornasse cada vez mais conhecido. Como já disse antes, o Concílio Vaticano II abriu a porta a esta compreensão mais profunda. Posso assegurar-vos que a atual modificação dos estatutos solicitada pelo Santo Padre se realiza, precisamente, com este critério fundamental de adaptação ao carisma, que hoje é mais

compreendido e partilhado. O direito, tão necessário, segue a vida, a mensagem encarnada, para dar sustentação e continuidade à vida.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

Poderá o fato de o Papa solicitar um relatório anual sobre a situação do Opus Dei (e não de cinco em cinco anos) ter a ver com a necessidade de maior transparência e de manter um controlo mais próximo, após casos de abusos em diferentes áreas da Igreja? Os controles foram insuficientes?

A mudança de periodicidade é consequência da mudança de Dicastério. Agora o interlocutor imediato do Opus Dei é o Dicastério para o Clero e nesse dicastério os relatórios são entregues todos os anos, não de cinco em cinco, como acontecia no Dicastério dos Bispos.

Independentemente disso, não há dúvida de que a Igreja, e a Obra como parte dela, está melhorando na forma de dar a conhecer de forma clara e compreensível os dados mais relevantes da sua atividade, bem como as suas motivações. A transparência, bem compreendida e bem aplicada, promove a confiança que, como você salienta, tem sido muito questionada por casos de abuso. Neste sentido, desde 2013 existe no Opus Dei um protocolo para a proteção de menores e pessoas vulneráveis que formaliza medidas de precaução que estão em vigor na Obra há décadas. O conteúdo deste protocolo é semelhante ao de tantas outras instituições e incorpora as mais recentes regulamentações da Igreja sobre esta matéria. Por outro lado, está atualmente sendo feito um trabalho para criar canais especiais de cura e resolução para acolher pessoas que querem ser ouvidas.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

IGREJA

Escrivá recordava frequentemente a seus filhos espirituais seu dever de "servir a Igreja como a Igreja quer ser servida": que leitura o senhor faz hoje dessa famosa frase dele?

Eu diria que seu significado não mudou desde que ela foi pronunciada: o amor à Igreja e ao Papa está no DNA da mensagem de São Josemaria. Do ponto de vista prático, isto se traduz em ajudar o mais eficazmente possível nas dioceses onde moram, às quais pertencem os membros do Opus Dei. Há, por exemplo, muitos leigos que colaboram ativamente nas catequeses ou em cursos pré-

matrimoniais de suas paróquias, em iniciativas de serviço como Cáritas, em atividades com jovens, etc. Recebo também muitas petições de bispos diocesanos para que tal ou qual sacerdote colabore em uma paróquia, em um hospital, em um determinado serviço na diocese. Sempre que possível, ficamos felizes em colaborar.

(Entrevista com *Avvenire*, 30-VI-2024)

Nos últimos tempos, a percepção da sociedade sobre os abusos cometidos dentro da Igreja mudou. Como é vista esta questão transcendental a partir da prelazia do Opus Dei?

É algo muito triste. Além de salientar o quão lamentáveis são estes abusos e crimes (um só causa muita dor!), gostaria também de destacar o trabalho realizado nos últimos anos pelo Papa e pela Santa Sé através de disposições claras e claras: hoje,

Graças a Deus, a Igreja universal e a maioria das instituições eclesiais possuem protocolos e diretrizes para erradicar e combater eficazmente estes abusos, que deixam feridas profundas e por vezes intransponíveis.

Os protocolos da prelazia, por exemplo, são de 2013 e eu mesmo os atualizei em 2020. São um instrumento para conscientizar sobre os direitos e necessidades dos menores e das pessoas vulneráveis, evitando assim qualquer risco de exploração, abuso sexual ou maus-tratos. em todas as atividades realizadas nos centros da Prelazia, e que esperamos que inspire também todas as atividades realizadas em instituições que recebem algum tipo de apoio pastoral do Opus Dei.

Devido aos mistérios da natureza humana, este tipo de instrumentos (na Igreja e na sociedade) não são

uma garantia de que nada de mal acontecerá, mas certamente contribuem para criar uma nova cultura e uma referência clara: quem comete um crime desse tipo, agora você sabe o que esperar.

Também por razões compreensíveis, estes abusos na Igreja têm sido destacados na opinião pública, quando são algo muito mais difundido na sociedade. Há áreas sociais onde esta triste e lamentável realidade está mais difundida. Os casos específicos de sacerdotes são muitos, mas comparados aos milhares e milhares e centenas de milhares de sacerdotes que deram a vida trabalhando, são proporcionalmente poucos. Mas sim, devemos combatê-lo com todos os meios possíveis.

(Entrevista com *El País*, 26-VI-2023)

SOCIEDADE

No 50º aniversário da catequese de São Josemaria na América Latina, volta a visitar a região. Acha que a realidade do Opus Dei nestes países está se aproximando do sonho de Escrivá?

Quando São Josemaria esteve na América, animou a sonhar com grandes aventuras de serviço cristão. Sem ignorar as dificuldades e erros humanos, dou graças a Deus pelo crescimento do Opus Dei na Colômbia e no resto do continente. Ao mesmo tempo, a lógica de Deus permite olhar com mais perspectiva os resultados humanos, os números e os sucessos ou fracassos externos, pois o essencial é facilitar um encontro com Jesus Cristo no coração de muitas pessoas, e só Deus pode ver isso.

(Entrevista com *Semana*, 17/08/2024)

O senhor veio à Colômbia em diversas circunstâncias: como professor convidado, como companheiro do Prelado e agora como Prelado. Que mudanças você vê na realidade colombiana e quais aspectos da sociedade precisam ser melhorados?

Sem entrar em detalhes ou propostas específicas, por não conhecer com detalhes suficientes a situação do país, vejo a América do Sul como uma região cheia de contrastes e grandes desafios. A Igreja e o Papa encorajam-nos a superar as divisões, a dar prioridade aos mais necessitados e a acompanhar a vida de fé das famílias com esperança renovada. Penso que há três aspectos nos quais todos os católicos podem contribuir muito. Gostaria, portanto, de encorajar os leigos a participar nos espaços públicos para promover estas três áreas, procurando o bem comum com outras pessoas que

podem não ter fé, mas que partilham o compromisso pela dignidade humana.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

Em 2015 foi a última visita do Prelado do Opus Dei à Colômbia, a do seu antecessor Javier Echevarría. A viagem foi marcada por um contexto nacional em que estávamos prestes a assinar um Acordo de Paz. Hoje, no meio de um cenário turbulento, continuamos a procurar o fim da guerra. Qual é a razão pela qual a paz é tão difícil de alcançar nas sociedades?

A paz exige um esforço humano, mas sobretudo é um dom de Deus, enquanto a violência destrói esse dom e impede-nos de caminhar juntos para o futuro, para o bem comum. Sem paz, o desenvolvimento integral das pessoas torna-se difícil e

as sociedades permanecem estagnadas, especialmente nos setores mais vulneráveis. A grande armadilha da paz é a violência, que coloca sempre os fins pessoais à frente do bem comum. A paz é um dom de Deus que devemos pedir juntos. Todos podemos contribuir para a construção da paz nos corações e nos relacionamentos, geralmente com pequenas contribuições de pacificação na nossa própria casa, na vizinhança, no local de trabalho.

(Entrevista com *Semana*, 17-VIII-2024)

Nosso país [Chile] está passando por mudanças em questões religiosas. A pesquisa do Bicentenário da UC mostra uma queda significativa na adesão dos jovens à religião católica. Deveríamos assumir que os

católicos estão se tornando um grupo minoritário?

Não moro no Chile e, portanto, não conheço a fundo a situação, mas ousaria dizer que seria um erro entrincheirar-nos, uma reação natural quando se encontra em minoria. Pelo contrário, como discípulos de Jesus Cristo, devemos sentir as aspirações, as necessidades e os sofrimentos de todas as pessoas como se fossem nossos e trabalhar lado a lado com eles.

Depois do furacão causado pela crise dos abusos, por exemplo, muitos católicos embarcaram no caminho do acompanhamento às pessoas feridas, e a Igreja no Chile implementou medidas de prevenção e promoção de ambientes de confiança e liberdade, que são essenciais para recuperar a sua vigor na sociedade e são fundamentais para garantir que estes crimes não

voltem a ocorrer. Uma Igreja ferida nos seus membros pode transmitir Cristo e tem muito a contribuir: ajudar, colaborar, curar, sem procurar interesses pessoais ou institucionais, nem soluções precipitadas. Este é o caminho que vejo que a Igreja no Chile percorreu, o caminho para recuperar a credibilidade e sobretudo para levar a proximidade de Jesus Cristo a muitas pessoas.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

BIOGRAFIA

O senhor nasceu em 1944 no exílio, em Paris. Hoje recordamos os momentos dramáticos que a Europa vivia então, que a sua família vivia no exílio em França.

Essa experiência te marcou de alguma forma

Durante a Guerra Civil Espanhola, o meu pai serviu no exército republicano: isto significou que, quando a guerra terminou, ele teve de se exilar em Paris. Ele era veterinário militar e teve seu primeiro emprego cuidando de animais em um circo. Pouco depois, conseguiu trabalhar em um laboratório e conseguiu trazer a família consigo. Graças a Deus, as represálias que, alguns anos depois, meu pai sofreu ao retornar à Espanha foram leves e ele conseguiu se desenvolver no campo da pesquisa em biologia animal. Fora isso, eu era criança e vivi tudo isso sem ter muita consciência. Mesmo assim, talvez a reflexão sobre aquela experiência tenha me vacinado contra a sedução de qualquer tipo de violência e contra a tentação de identificar a

religião com determinadas opções políticas.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

Estudou física e depois teologia, uma mistura única. Que aspectos da física iluminaram seu caminho religioso?

Tanto a física como a teologia são, cada uma à sua maneira, conhecimentos da realidade: não só não são contraditórias, mas complementam-se. Não posso dizer que o estudo da física me abriu os olhos para a realidade de Deus, pois já era crente por tradição familiar e por convicção pessoal. Mas investigar a realidade física concreta ajudou-me a ver o mundo como criado por Deus de outra perspectiva.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

Na juventude conviveu com São Josemaría Escrivá, fundador do Opus Dei. Nesse contexto cotidiano, que característica dele chamou sua atenção?

Cheguei em Roma em 1967 e morei na mesma casa que ele até sua morte em 1975, mas cerca de 200 pessoas ficaram lá. Apesar de serem tantos, um deles se sentia muito amado, rodeado de sua alegria e carinho. Certa vez, na frente de muitas pessoas, ele me fez uma pergunta e imediatamente percebeu que estava me colocando em uma situação difícil; Sem me dar tempo para responder, ele acrescentou um comentário colateral que tornou minha resposta desnecessária. Esses pequenos detalhes eram repetidos diariamente. Acima de tudo, fiquei impressionado com a sua união com Deus, que era evidente quando o ouvíamos falar num momento de pregação ou numa reunião familiar.

A nível humano, gostaria de salientar o seu amor pela liberdade e o seu bom humor.

(Entrevista com *El Mercurio de Chile*, 28-VII-2024)

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/mons-fernando-ocariz-entrevistas-recentes/ (29/11/2025)